

OBJECTIVIDADE E NORMATIVIDADE

Provavelmente a pergunta mais pertinente não é quem é arrogante, mas sim quem o é mais... ou menos. Congratulo-me pelo facto de ter forçado Michel Cahen a traçar com maior rigor os seus termos de referência. A robustez com que me presenteia leva-me à conclusão de que ambos, apesar de nuances de interpretação que não vem a propósito discutir neste curto comentário, temos o mesmo ponto de partida.

Ele não vê nenhuma diferença conceptual entre nação e etnia. Eu também não. E pelas mesmas razões. Ambas são definições de processos, e não de essências, como aliás ele muito bem elabora na sua resposta. Quando reajo ao trabalho dele com a definição da nação moçambicana como plebiscito diário, como comunidade imaginada e como projecto moderno refiro-me precisamente à necessidade de enfatizar o facto de o conceito de nação ter de ser visto como um processo, e não como uma essência.

A diferença entre nós os dois, porém, reside no facto de Michel Cahen não depositar muita fé na objectividade de conceitos nas ciências sociais. Quando ele se interroga se é possível empregar conceitos objectivos em factos de consciência, que segundo ele são por definição subjectivos e emocionais, deixa-me só, pelos vistos, na companhia de Estaline, na crença de poder ser objectivo na análise do conceito de nação. É possível ser objectivo na análise de algo subjectivo, o contrário é que não é admissível.

Mas isso é exactamente o que ele faz, e persiste em fazê-lo, no caso de Moçambique. De que valem os protestos de fidelidades à objectividade quando na prática insiste em ser subjectivo ?

Porquê dizer que a nação e a etnia são processos para depois fazer uma análise essencialista ?

Porquê, se nação e etnia são conceptualmente idênticas, negar uma e aceitar a outra ? Não se trata de pedanteria da minha parte, mas sim do receio de que Cahen esteja a ser muito normativo na sua análise. Sem essa normatividade, não é possível, e isto é um ceptro que lanço a ele, replicar os resultados que ele julga ter alcançado na análise de Moçambique.

Deixem-me elaborar um pouco. A ser consequente, Cahen devia tratar a etnia também como um processo e não procurar reificá-la com a ideia vaga de "cristalização" (1). A fazer isso constataria que as etnias que lhe servem

(1) O que é uma etnia ? Recentemente, um jovem historiador moçambicano entrevistado pelo jornal *Domingo* (21 de Janeiro de 1996), pronunciou-se sobre o seu trabalho de licenciatura acerca da sua própria etnia. Indagado se aceitava todas as práticas tradicionais da sua etnia, incluindo o hábito de sacrificar jovens para fazerem parte do corteje fúnebre dum

de base para conjecturar sobre a inexistência da nação moçambicana diluir-se-iam no fluxo histórico, pois a "cristalização" de que ele fala, e não define, é apenas um truque analítico que lhe permite justapôr "elites" (desenraizadas) e etnias.

Se ele interrogasse com maior profundidade as suas premissas teóricas, dar-se-ia conta do facto de que as "elites" de que ele fala podem também ser uma expressão da identidade étnica, não havendo, portanto, nenhuma razão para justapôr os dois termos na sua análise ⁽²⁾.

Não me vou alongar. Penso que é muito mais produtivo manter a tensão analítica entre etnia e nação como processos, e dissuadir-se da ideia de que o "sentimento nacional" pode ser uma variável, independente ou dependente. E mesmo que Cahen julgue que eu lhe esteja a impôr limitações, indagar-se sobre se a nação moçambicana existe ou não, não é o ponto de partida para uma análise objectiva. Insisto, é irrelevante.

(In)felizmente, encontro-me na mesma situação de alemães nascidos depois da guerra, abençoado, portanto, por ter nascido tarde demais para ter qualquer tipo de influência na trajectória ideológica da Frelimo. Recusome a assumir qualquer tipo de responsabilidade a este respeito. Quanto ao hábito de procurar soluções europeias para problemas africanos, bom, no fundo, não tenho muito por onde escolher. Como Changane, seja lá o que for isso, o meu ponto de referência seria presumivelmente Gungunhana, que precede a Frelimo e as "elites" moçambicanas na mania do jacobinismo...

16 de Abril de 1996

Elísio S. MACAMO

chefe morto, o nosso historiador (coincidência?) afirmou-se disposto a ser sacrificado! Francamente, para além de que não agrada a perda de companheiros de classe (elites), ainda mais por causas duvidosas, não me parece necessariamente boa ideia fazer depender a construção da nação do respeito de conceitos desta natureza. O próprio Cahen, quando afirma por exemplo que preferiria que as autoridades tradicionais fossem investidas de poderes consultivos, está a fazer uma interpretação que dá por adquirida a modernidade, o que é correcto.

- (2) No seu livro *Ethnicité politique*, que entretanto já li, Cahen procura reabilitar a imagem da identidade étnica no seio dum sistema político moderno. A ideia é louvável, e faço votos que ele a leve a bom termo, mas no processo ele deverá notar que só em circunstâncias de modernidade é que estão reunidas as condições para uma afirmação identitária. E isto não por culpa de "elites" que procuram impôr nações, mas sim porque a necessidade de afirmação de identidade é também uma atitude moderna. Se não receasse perturbar o descanso de Durkheim, cujo espírito provavelmente ainda paira em Bordéus, sugeriria a leitura de Georg Simmel cuja sociologia do estilo constitui um bom ponto de referência para o efeito.